

Palo Monte, um rito Congo em Cuba.

Palo Monte, a Congo ritual in Cuba.

José da Silva Ribeiro
(Universidade Aberta de Portugal)

Resumo:

Juntaram-se em Cuba a partir do século XVI africanos provenientes de toda a costa ocidental africana pertencentes a muitos grupos étnicos. Estes em contacto com as culturas em presença (autóctone, espanhola, portuguesa, africanas) desenvolveram diversos sistemas de crença, rituais e práticas mágico-religiosas. No Século XIX o dia de Reis construíu o momento mais alto da afirmação da cultura africana em Cuba. Estas manifestações eram acompanhadas da coroação de reis e rainhas Congo, figuras principais da festa e da vida social africana.

Abstract:

Africans coming from all West Africa coasts from a large variety of ethnic groups gathered in Cuba since XVIth century. These, in contact with other cultures (native, Spanish, Portuguese, Africans) developed some belief systems, rituals and magical-religious practices. On XIXth century the King's day was the highest moment of affirmation of African culture in Cuba. These experiences were accompanied of king and queen's crowning, principal figures of African festival and social life.

Palavras-chave:

Sistemas mágico-religiosos afro-cubanos / Cabildos / Cultura bantu / Palo monte / Prendas (nganga ou nkisi).

Keywords:

Afro-cuban magical-religious systems / Cabildos / Bantu culture / Palo monte / Clothes (nganga ou nkisi).

Sumario:

1. Introdução
2. Tradição africana em Cuba
3. Cabildos, a reserva da cultura africana em Cuba
4. Congo em Cuba
5. Conclusão

Summary:

1. Introduction
2. African tradition in Cuba
3. Cabildos, the reservation of African culture in Cuba
4. Congo in Cuba
5. Conclusion

1. Introdução.

O ensaio aqui apresentado resulta do trabalho de campo realizado em Havana no início do ano de 2006, integrado num projecto mais alargado de estudo de rituais da cultura bantu na América Latina. O início da pesquisa teve origem no Brasil com a abordagem da coroação de reis e rainhas Congo. Porém depressa nos demos conta que estes rituais se estenderam pela Península Ibérica, por quase toda a América Latina havendo também nos Estados Unidos algumas manifestações que localmente e, ao longo do tempo, se vão transformando e adquirindo contínuas reconfigurações. Associa-se pois ao olhar ou ponto de vista antropológico a perspectiva histórica e o conseqüente abordagem interdisciplinar e policêntrica, construída a partir de uma multiplicidade de lugares e situações. Esta é a primeira abordagem do tema que o tempo ainda não deixou desenvolver e aprofundar. Ahamos porém que a deveríamos apresentar por duas razões. A primeira pelo interesse que a temática tem na nossa época remetendo para outras formas de globalização da cultura feita não a partir dos processos sociais e culturais dominantes mas a partir das margens, da população escrava transferida para a Europa e para as Américas. A segunda porque se trata de um projecto aberto à participação de outros investigadores que pretendam desenvolver aspectos específicos da temática proposta. Levamos pois esta temática para alguns congressos e seminários internacionais e desenvolvemos a sua apresentação pública num hipermedia¹ desenvolvido conjuntamente pelo Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais - Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Aberta de Portugal e o Núcleo de Pesquisa em Hipermedia da Pontifícia Universidade de S. Paulo do Brasil.

2. Tradição africana em Cuba.

Desde Fernando Ortiz [1951] que se identificam em Cuba quatro sistemas principais de crenças de substrato africano: Santería, ou Regra de Ocha; Regra Arará; Ñañiguismo ou abakuá (Sociedad Secreta Abakuá); Regra de Palo Monte ou Regra Conga. O sistema mais fechado e regido por regras mais rígidas é o Ñañiguismo ou abakuá. A regra Arará é minoritária e a menos estudada. A Santería ou Regra de Ocha é o culto mais popular e difundido talvez pelo seu carácter festivo, suas cerimónias, seus Orixás. Existem porém muito outros cultos minoritários ou menos estudados, entre estes o espiritismo (espiritual) que se interrelaciona quase todos os sistemas formando sistemas cruzados. A Regra de Palo Monte ou Regra Conga é um culto interiorizado, menos festivo, virado para a resolução de problemas familiares ou sociais e de matriz cultural bantu, que,

¹ O Hipermedia *Coroação de Reis Congo* resulta da investigação conjunta dos referidos núcleos de pesquisa materializada em três projectos – Antropologia Visual e Hipermedia, *Coroação de Reis Congo* e (inter)culturalidade Afro-atlântica.

como o próprio nome indica remete para o reino do Congo e para uma população escrava que terá sido cristianizada antes da deslocação².

Meio século mais tarde das constatações de Fernando Ortiz o médico Alberto Cutié (2004) diz ainda existirem em Cuba quatro sistemas mágico-religiosos - Regra de Ocha ou Santería, Regra Conga ou Palo Monte, o Espiritismo de Cordón, o Vodú na sua variante cubana, e alguns subsistemas derivados destes. Cada um destes sistemas tem cosmogonias e práticas rituais específicas que lhe conferem uma certa autonomia. No entanto a sua génese e desenvolvimento em Cuba resulta da mistura de escravos de diferentes proveniências, etnias regiões e religiões de origem conduziram a um processo de mestiçagem cultural e dos sistemas mágico-religiosos. Entre estes há alguns traços comuns que poderão denominar-se sincréticos. O Vodú foi introduzido em Cuba por imigrantes haitianos adquirindo aí características próprias. O Espiritismo de Cordón tem uma origem mais recente. Surge durante a guerra da independência e é considerado por alguns investigadores como genuinamente (ou originariamente) cubano porque surgido nos momentos de cristalização ou formação da nacionalidade. Contribuíram para seu aparecimento, segundo Joel James (1989), a situação social originada pela guerra entre 1868 e 1898 em que os “homens de Mambí”, “Mambís” ou “Mambíses”(duas vezes homem), tropas mambisas (guerras mambissas travadas durante 30m anos pela independência) e as populações insurreccionadas eram massacradas pelas tropas espanholas. Estes massacres geraram um estado de pânico e de histeria colectiva das populações que se viravam para a celebração do cordón, no qual os brancos e os negros se davam as mãos, guiados pelos antigos escravos congos, para evocar os espíritos, saber por eles a sorte dos familiares em combate e conhecer o futuro deles mesmos. Os escravos congos tinham por costume invocar o recém-falecido de maneira colectiva, como parte dos ritos funerários, a antipatia dos colonos brancos com o clero espanhol, tornava-os participantes nas práticas sincréticas e alheados dos templos católicos. As Regras Conga (Palo Monte) e Ocha (Santería) parecem ter-se estruturado desde o início da escravatura em Cuba.

Como outras religiões afro-americanas os sistema de crenças afro-cubanas resultam de mescla de quatro elementos: as religiões africanas trazidas pelos escravos (para os Yoruba da actual Nigéria, os Ewe dos actuais Benin e Togo, para os Bantu, os actuais Republica popular do Congo, Congo, Angola e, embora em menor escala, Moçambique); o catolicismo trazido pelos espanhóis e portugueses; o espiritismo criado por Allan Kardec em meados do século XIX e rapidamente introduzido na América, e as crenças dos indígenas índios americanos. A diferente combinação destes quatro elementos, o domínio de um deles sobre os outros devido a particularidades históricas e sociais de cada país deu origem a uma grande diversidade de variantes regionais: o vodú no Haití; o shango em Trinidad e Granada; o candomblé de Bahía, o tambor de

² Cristianizados no reino do Congo convertido aos cristianismo após o contacto com os portugueses.

minas de Maranhão, o xangô de Recife, o catimbau o catimbó da Amazônia, o batuque de Porto Alegre a umbanda que, nascida no Rio de Janeiro, se espalhou por todo o Brasil; a santería, o palo monte (Cuba).

Foram os cultos de santería e palo monte que observamos nas ruas de Havana a Velha. Primeiro pelas sonoridades que transbordavam dos exíguos espaços domésticos para as ruas onde repousavam carros antigos à espera de mais uma engenhosa reparação para tomar novo folgo ao serviço dos turistas. Depois, através das portas entreabertas que permitiam aos transeuntes um diminuto olhar sobre as cerimónias e mais tarde nas conversas com participantes no Seminário Internacional Rito Y Representación (2006). As conversas com informantes, praticantes da Santería no bairro chinês em Havana apresentou-se semeada de riscos e pouco proveitosa. Não era porém a Santería o nosso objecto de estudo. Procurávamos em Cuba as influências Congo no sistema de crenças afro-cubano. Esta materializava-se na Regra Palo Monte ou Regra Conga. Foi deste sistema de crenças que fizemos os primeiros registo de imagem e é partir dele que pretendemos desenvolver a presente investigação. Para isso tivemos de realizar uma primeira abordagem de enquadramento histórico guiadas pelos estudos de Fernando Ortiz e pelas conversas com José Frotún do Museu Nacional da Musica.

3. Cabildos, a reserva da cultura africana em Cuba.

Os cabildos, considerados como o reservatório (reserva) cultura africana em Cuba, eram associações formadas por escravos de uma mesma nação ou origem e dirigidos por um rei (capataz ou capitão) que dispunha de considerável poder dentro dos limites de acção consentida pelos brancos. Durante o ano o rei guardava e geria os fundos da sociedade, recolhia dádivas e impunha multas aos sócios. O rei tinha também a função de sacerdote dos cultos locais de origem africana. A rainha ocupava o cargo imediato. Havia também outros cargos de carácter cerimonial bem definidos, um dos quais o abanderado encarregue da bandeira do cabildo. No dia de reis, festas principal dos cabildos, "el rey congo vestía casaca y pantalones, sombrero de dos puntas, bastón borlado, etc. Todos esos atributos de origen europeo y, además, un manto real y un cetro, eran propios del rey congo africano, recibidos en obsequio del rey de Portugal, en 1888. Desde los-tiempos de la colonización africana los reyes congos gustaban de vestir la indumentaria de los grandes magnates blancos, como signo de su poderío: coronas, sombreros



Festa de Reis em Havana

militares y marinos, y hasta de copa (!), uniformes de todas clases, escopetas, sables, paraguas, etcétera” (Ortriz, 1921:3). O rei tinha a estima e o respeito dos seus súbditos e vínculos com os brancos (senhores) e junto das autoridades coloniais era creditado como embaizador da respectiva nação africana. A sua eleição era realizada no dia de Reis, após longa vigília e constituía um acto social relevante. Sua morte era um acontecimento social importante seguida de um enterro solene. Alguns destes reis e rainhas eram sepultados em lugares distintos dos cemitérios da cidade, privilégio apenas reservados aos brancos. O nosso interlocutor José Fortún, director do Museu da Música de Havana, refere um documento de 1608 em Margarita Angola, rainha de um cabildo, talvez livre e dotado de poder económico, a quem lhe permitiam esse privilégio. Os associados deste cabildo provavelmente eram homens livres ou teriam comprado sua liberdade e de alguns outros escravos de sua etnia ou nação.

Até à abolição da escravatura (1880) o dia de Reis, 6 de Janeiro, os negros escravos e livres celebravam sua festa, considerado Carnaval dos negros pois “blancos y negros, como todos los pueblos, tienen su carnaval, esa fiesta ruidosa y orgiástica que se mantiene firmemente arraigada en las conciencias populares, como resisten la acción del tiempo los rancios ritualismos religiosos. Y precisamente el carnaval es también una supervivencia de profundo significado religioso” (Ortiz, 1921:54).

Segundo José Fortún foi graças aos cabildos que se salvaram os antecedentes africanos em Cuba. Os cabildos foram criados com base nas confradias espanholas (e portuguesas) (confrarias, grémios ou fraternidades) primeiramente organizadas em Sevilha, por volta do século XIV. Estas confradias eram colocadas sob a protecção de um santo católico e suas reuniões tinham lugar na capela do santo. Há também a referência destas confradias ao culto de Nossa Senhora do Rosário (não exploraremos aqui esta referência por remete-nos para a complexa rede de irmandades do rosário que a partir do século XII se estendem por toda a Europa e mais tarde por África, Brasil e outros países da América Latina).

Ortiz informa que esses grémios ou fraternidades foram organizados durante o reinado de Alfonso el Sabio, quem, após a criação do código legal espanhol conhecido por Las Siete Partidas, desejou “pôr ordem nas questões eclesiásticas e civis”. Isidoro Moreno, um historiador espanhol que fez uma impressionante investigação das confradias africanas na Espanha, cita que Ortiz de Zúñiga escreveu em 1474, que os escravos africanos em Sevilha eram tratados bondosamente e lhes era permitido “reunir-se para suas danças e celebrações nos feriados, de maneira que depois cumpririam prazerosamente seu trabalho e seriam mais tolerantes com seu cativoiro”. Moreno concorda com Ortiz ao identificar os cabildos afro-cubanos como continuadores das confradias (confrarias) africanas em Espanha. Howard também aponta para a existência de instituições comparáveis em África. O

3 A importância do dia de Reis no Brasil e no Uruguai e Argentina foi semelhante à cubana. As Lhamadas no Uruguai constituem ainda a festa negra mais importante em que se tocam os tambores de candombe.

mesmo acontece em Portugal e no Brasil. Aqui eram as Irmandades de Nossa Senha do Rosário dos Homens Negros que garantiam a continuidade dos cultos sincréticos de origem africana e europeia. (ver Fortum)

Inês Martiatu considera que uma das mais completas manifestações teatrais da era colonial era a festa afrocubana de Reis em que os protagonistas eram os escravos. Este grande happening tinha um carácter público de grande relevância de afirmação da africanidade e ritualidade (ritual de inversão – escravos que se tornam reis, de passagem). Fernando Ortiz em *Los bailes y o teatro de los negros en el Folklore de Cuba* abordava essa teatralidade intrínseca aos sistemas mágico religiosos cubanos e às festas populares (sobretudo o rito ñáñigos ou abakuá del sacrificio, “talvez o mais complexo e teatral” minuciosamente descrito, Írime dos abakuá, Egun ou egungun dos lucumis e Mojiganga dos congos). Martiatu vai mais além nesta relação entre a cultura africana de tradição oral e a dramaturgia cubana “las fuentes orales son las principales que han nutrido la dramaturgia surgida de las tradiciones de origem africano” (Martiatu, 2005:6). Não foi porém apenas a oralidade (imagem sonora) da cultura africana que influenciou o teatro cubano mas a própria performance ritual. Com efeito em Réquiem por Yarini de Carlos Felipe e Maria Antónia de Eugénio Hernández Espinosa (um dos dramaturgos cubanos vivos) está presente a concepção mágico afrocubana, seus oráculos, sacerdotes e concepção dramática. Também o encenador Mário Morales retomou a regra de Palo Monte nas suas encenações teatrais. O teatro cubano actual constituiu um processo de persistência da cultura africana em Cuba. Havia nesta transposição das manifestações de culto afro-cubanas para o teatro a persistência da expressão corporal como tecnologia de memória.

No trabalho de campo realizado em Fevereiro de 2006 simultaneamente em ateliers de representação teatral (Mário Morales), de design de teatro e na representação de Réquiem por Yarini, no visionamento de Maria Antónia e na participação em rituais de origem bantu Palo Monte verificamos uma continuidade mágico religioso sempre presente como que continuando a memória incorporada das manifestações ancestrais. O teatro recontextualiza-as e reconfigura-as mas mantém-se sua dimensão mística, diríamos quase religiosa. Talvez por isso as máscaras sagradas “diablitos” não tenham entrado nos teatros e cabarés de Cuba, diz Fernando Ortiz em 1951 não por falta de espectacularidade “sino porque aún deseñan sinceramente sus funciones en la vida religiosa popular e inspira temor el usarlas profanamente fuera de los ritos” sería prossegue Ortiz “como si ante los turistas que en invierno vienen a Cuba les saliera un diablito o un Cahgó montão a bailarle piruetas grotescas, por unas moedas. Tamaña profanación no se da en Cuba” (Ortiz:1951: 340-341).

Acredita-se que da herança africana, evocada e constantemente elaborada (adaptada a novas situações e contextos) que muito se perdeu devido á violência do tráfico (jovens, condições da viagem – cerca de 1/5 dos escravos morriam na viragem, adaptação às novas situações), às perseguições

a que esteve submetida durante muitas décadas - (o medo) dificuldade de transmissão entre gerações (os escravos transferidos eram retidos de África ainda jovens), ignorância e egoísmo dos líderes que morreram sem transferir aos discípulos muitos dos seus saberes. Também a folclorização contribuiu para a perda de sentido e do simbólico da cultura africana.

4. O Congo em cuba.

Verificamos que a exuberante festa de Reis deixou de se fazer. Que os tambores proibidos durante muito tempo, aparecem agora nas paredes das obras de reconstrução da cidade de Havana. Foi o que também que aconteceu com a “nação Congo”, a que prestamos mais atenção nesta primeira abordagem. Os bantu (bakongo) constituíam a etnia dominante do contingente de escravos que chegaram a Cuba. Os escravos bakongo, perante a dominação política e económica dos espanhóis, dissimularam suas crenças tornando secretas suas práticas focalizando-as na resolução de problemas individuais em relação á doença, aos problemas conjugais e familiares, a pobreza e processos judiciais mantêm no entanto a coerção espanhola e a influência e a hibridação Congo, yoruba e católico. A religião bakongo “mantêm e conserva a lembrança das suas origens Congo nos cantos e as orações, mas também em documentos escritos que circulam na comunidade dos paleros. Orações, cantos, receitas rituais que fazem referência ao Congo - tornado um território mítico - são transcritos lá. A maioria deste material é procedente da tradição oral. No entanto, a referência à História do Congo e de Angola deixa pensar que os paleros utilizam fontes historiográficas para reactivar ou mesmo reconstruir a memória colectiva” (Diantell, 2002:78).

Foi no centro de Havana a Velha e em Miramar que foi possível entrar no mundo destas práticas mágico-religiosas da regra de palo monte. Nesta regra as crenças fundamentais são nos mortos e na natureza e as práticas mágico-religiosas realizam-se no interior das casas em torno de um nkisi, ngnaga, aqui denominado de prenda, um vaso (casoela) de barro ou ferro carregado com diversas substâncias de origem vegetal, mineral, animal, ossos humanos, terras de diversas proveniências 21 pedaços de madeira, paus (palos):

21 palos da prenda:

- | | |
|-------------------|------------------|
| 1. Vence Batalla | 12. Macara Bomba |
| 2. Guyaba | 13. Barraco |
| 3. Namó | 14. Caimoni |
| 4. Palo Hueso | 15. Campeche |
| 5. Palo Santo | 16. Piñón |
| 6. Albrito | 17. Pomo |
| 7. Caimito Morado | 18. Penda |
| 8. Guama | 19. Almira |
| 9. Café Cimarrón | 20. Guaramo |
| 10. Guasima | 21. Gicaco |
| 11. Palo Caja | |

A regra conga (palo monte) é monoteísta. A entidade divina suprema é Inzambi. O culto baseia-se na criação, por parte do praticante (palero) de um centro de força excepcional (de energia) num chegado nkishi, nganga, prenda formada por distintos elementos que adquirem sentido metafórico (alegórico): ossos humanos simbolicamente seleccionados e muitos elementos naturais que formam o centro mágico e que teria como fim submeter os fenómenos naturais à vontade do homem, protegê-lo de todos os seus inimigos e de todo o género de perigos, dar-lhe poder de prejudicar os que lhe são hostis. O Palo tem um sistema adivinhatório utilizando-se frequentemente como feitiçaria e magia com fins maléficos. Tem também terapêuticos homeopáticos baseados no vínculo com a natureza e com o conhecimento da floresta e possivelmente, em suas origens, com o conhecimento da farmacopeia natural (fito fármacos) (monte). Os mortos utiliza-se para o fortalecimento do poder espiritual e social da família que possuem os ngangas ou prendas. Há pois uma aproximação permanente dos mortos, ou de um morto escolhido à totalidade litúrgica.



Prenda sarabanda

A prenda deverá ser regada com frequência com sangue de uma ave (uma pomba, uma galo) e ser-lhe-ão dadas oferendas e alimentos. Assim se manterá forte, lugar de concentração dos poderes da natureza capaz de, através da acção da sacerdotisa (praticante) em transe, resolver os problemas que dos crentes nestas práticas: doenças, problemas conjugais e familiares. A prenda, também chamada sarabanda ou prenda cristã. Esta exerce a sua acção benéfica sobre os consulentes (consultantes) - resolução de problemas. Durante o domínio espanhol e os primeiros anos da independência cubana este culto (prática) era proibido. Uma das razões evocadas era a acusação que lhes era dirigida de utilizarem sangue humano de crianças sacrificadas para alimentar as prendas. Nunca se confirmou esta acusação que é peremptoriamente negada pelos seus praticantes.

Os processos de iniciação são complexos. Podermos sintetizá-los em duas cerimónias. A primeira é conhecida com o nome de fundamento, o caminho inicial que identifica o crente como membro do culto e com os poderes secretos centrados (rayamiento) na prenda ou nganda. Diz-se que o neófito de raiar-se (ligar-se) no palo para melhorar a saúde, para resolver os seus problemas ou para poder guerrear. O padrinho pede ao neófito para trazer determinados “ingredientes” para “carregar” ou “subir” a prenda para que seja possível

o rayamiento (normalmente um animal de 2 pata e outro de 4 patas e aguardente para preparar a chamba – bebida ritual). Pode haver na cerimónia um adjuvante ou ajudante (fakofula) que entra em interacção verbal com o padrinho e haver toque de tambor e bailes. Estes porém não são imprescindível e em Havana (crioulos) raramente existem. O neófito pode então ser possuído por uma entidade. Depois de terem oferecido comida e bebida ao nganga ou prenda perguntar-lhe-á se está vacheche, “subida”, “forte”. Se receber uma resposta afirmativa pode raiar-se o iniciado, isto é, fazer-se incisões com um instrumento cortante em certas partes do corpo (nyora são as escarificações) que realiza o nganga nos seus paciente com intenção curativa ou mágico-protectora. A segunda parte da iniciação chama-se “nascer em cima de nkisi”. É a cerimónia de entrega do nganga. Supõe-se que o raiado (atingido pelo raio) ou iniciado tenha passado por um processo de aprendizagem do ritual e dos processos de adivinhação junto do padrinho como ajudante fakofula (adjunto) ou como simples palero. O iniciado, futuro ngangulero, deve escolher o tipo de prenda - cristã ou judia, a entidade está vinculada (sarabanda, ogun guerreiro), o morto que será conduzido à prenda.

Há pois uma diversidade de prendas e entidades vinculadas. As prendas são denominadas: cristã e judia. As entidades vinculadas da prenda cristã observada era sarabanda e da judia ogun guerreiro. Nela se centram energias poderosas capazes de desencadear as forças do mal. O objecto ritual em que centra a força da natureza na prenda judia é uma pedra que se crê proveniente de um raio ou atingida por um raio e transmite-se de pais a filhos. Existe também um caldero com três palos e uma arma de fogo (pistola).

Embora haja na Regra Palo Monte e em todas as outras práticas mágico-religiosas uma regra escrita, hoje amplamente divulgada na Internet, sobretudo na comunidade cubana de Miami, esta continua a ter práticas localizadas muito diversas. As práticas em que participamos e o testemunho que encontramos no trabalho de campo e do qual fizemos o documento audiovisual Congo em Cuba, Regra de Palo Monte mostrar-nos aspectos particulares e diferenciados dos referidos na literatura consultada. Na primeira parte do documento audiovisual apresenta-se a acção ritual em torno prenda sarabanda e na segunda parte a prenda judia. Esta termina com o transe da acção ritual. O transe ou possessão espiritual constitui uma forma de mediação directa com os antepassados – fundamento deste sistema de crenças. O animismo, o fetichismo e a magia são componentes secundários subordinados ao culto dos antepassados, há também um forte conteúdo mágico do feiticeiro. No ritual há elementos alheios à cultura bantu e pertencentes a outras crenças – crucifixos, velas, rosários, água benta, imagens de santos ou mesmo pólvora e armas; culto dos santos e de ritos judaico-cristãos, saudações muçulmanas. Também cabildos, casinos, sociedades e locais de culto são alheios à cultura bantu. A junção das funções de cura e feitiço num mesmo celebrante ou a centração do culto no nganga são também considerados alheios à cultura bantu. A crença de

origem bantu é sobretudo nos antepassados e na natureza. O nganga é apenas um objecto em que se concentram as forças da natureza e dos antepassados. São considerados como componentes bantu do Regra de Palo Monte: o receptáculo mágico (prenda, nganga ou nkisi), cerimónias de iniciação, causas que facilitam a iniciação – herança, sonhos persistentes, doenças e problemas sociais e familiares, utilização da bebida ritual (chamba), sacrifício de animais, oferta de comida e bebida aos espíritos, toques e danças para propiciar a acção dos mortos e da entidades espirituais, utilização da casa do padrinho como local de consulta e como templo. As circunstâncias da deslocação (desenraizamento da sociedade de origem e da nova realidade social) perda de ritos comunais – cíclicos cumprimento); perda de cerimónias relacionadas coma a família, acomodamento ou adaptação a determinadas exigências da cultura dominante (Guerra e Gomez, 2004).

5. Conclusão.

Duas questões se nos põem em relação a tema apresentado. Em primeiro a situação original desta estada no terreno e o formato da reciprocidade estabelecida entre investigadores e a praticante do rito de Palo Monte. Enquanto o investigador procura observar e participar no ritual tornando-se cliente e consulente da ngangulera que tenta adivinhar o problema que guarda consigo. Assim a imagem descreve o transe e acção ritual da praticante do rito e a interacção com o investigador enquanto as palavras revelam, através do problema levado para a consulta o interlocutor/investigador. Há pois uma dupla revelação, a do antropólogo como cliente pela vidente/sacerdotisa/ngangulera e a desta pelo investigador. Esta atinge o culminar durante o transe em que a atenção e a tensão entre os presentes no ritual se acentua. Esta é uma experiência susceptível de reflexão – objectos rituais, transe e discurso mágico-religioso da sacerdotisa, adivinhação e confrontados com a performance do investigador (o estar no terreno como investigador e como cliente), as tecnologias de registo e mediação usadas no trabalho de campo, o discurso antropológico acerca das práticas religiosas. A segunda situação tem a ver com a importância da crença na sociedade cubana. A crença e os cultos afro-cubanos não nos parecem ser marginais ou de classes sociais empobrecidas nem afastar-se do quotidiano. Verificamos que, como no Brasil, muitos intelectuais e pessoas ligadas aos poderes políticos e culturais mantém uma relação com as práticas mágico-religiosas e que estas são frequentemente objecto de criação das mais diversas áreas disciplinares (teatro, literatura, pintura). O quotidiano da vida familiar também ele está marcado por estas crenças – nas casas é frequente encontrar altares de santos (Santa Bárbara,) ou ngangas ou vestígios de ngandas (receptáculos mágicos) e comida e bebida resultante das ofertas aos espíritos. Verificamos também que, embora sincrética e mestiça, a cultura afro-cubana aparece neste âmbito muito próxima da cultura africana. Há, no entanto além desta primeira abordagem um longo percurso a fazer para entrar

mais profundamente nestas práticas invisíveis, ou pouco visíveis a aos olhares exteriores, aos olhares turistas, em que a imagem de Cuba é sobretudo visual (turismo e as praias), sonora (música cubana), e política (o ícone do político que enfrenta a América – David contra Golias).

Bibliografia.

- BARLEUS, G. (1980) *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- BRESSLER, Alberto Cutié (2002) *Psiquiatria y Religiosidad Popular*, Habana: Edição fotocopiada.
- BRUGAL, Y. E. & RIZK, B. J. (2003) *Rito y Representación*, Madrid: Iberoamericana.
- CABRERA, L. (1985) *El Monte*, La Habana: Letras Cuibanas.
- DIANTEILL, E. (2002) « Kongo à Cuba. Transformations d'une religion africaine », *Archives de sciences sociales des religions em Les religions afro-américaines : genèse et développement dans la modernité*, colocado online em 18 Novembro 2005. URL : <http://assr.revues.org/document2480.html>. Consultado em 29 de Maio de 2007.
- FAVRET-SAADA, J. (1994) *Les mots, la mort, les sorts*, Paris: Gallimard,
- FERREIRA, L. (1997) *Los tambores del candonde*, Montevideo: Colihue-Sepé.
- FRIGERIO, A.(2000) *Cultura Negra en el Cono Sur: representaciones en conflicto*, Buenos Aires, Ediciones de la UCA.
- GUERRA, J. F. & GÓMEZ, G. (1994) *Cultos Afrocubanos, un estudio etnolingüística*, La Habana: Instituto Cubano Del Libro.
- GUERRA, J. F. & SCHWEGLER, A. (2005) *Lengua y ritos del Palo Mante Mayombe*, Madrid: Iberoamericana.
- JAMES, J. (1989) *Sobre muertos y dioses*, Santiago de Cuba: Ed. Caserón.
- LOHISSE, J. (1998) *Les systèmes de communication, approche sócio-anthropologique*, Paris: Armand Colin.
- LUCAS, M. E. (2005) *Antropologia e Performance*, revista Horizontes da Antropologia ano 11, nº 24, Julho/Dezembro.
- MARTIATU, Inés María (2006) *Wanilere teatro*, La Habana: Editorial de Letras Cubanas.
- ORTIZ, F. (1951) *Los bailes y o teatro de los negros en el Folklore de Cuba*, La Habana: Editorial de Letras Cubanas.
- ORTIZ, F. (1951) *Los Cabildos afro-cubanos*, La Habana: Editorial de Letras Cubanas.
- RIBEIRO, J. S. & BAIRON, S. (2005) *Congada de Nossa Senhora do Rosário, Jequitibá, Minas Gerais*, DVD, Porto: CEMRI – Laboratório de antropologia Visual, Universidade Aberta.
- RIBEIRO, J. S. & BAIRON, S. (2006) *Congo em Cuba, Regra de Palo Monte*, DVD, Porto: CEMRI – Laboratório de antropologia Visual, Universidade Aberta.
- RIBEIRO, J. S. (2004) *Antropologia Visual, da minúcia do olhar ao olhar distanciado*, Porto: Afrontamento.
- RIBEIRO, J. S. (2006) *Cultura Bantu em Cuba, JoséReys Fortún* DVD, Porto: CEMRI – Laboratório de antropologia Visual, Universidade Aberta.
- SCHÁVELZON, D. (2003) *Buenos Aires Negra, arqueología histórica de una ciudad silenciada*, Buenos Aires: Emecé editores.

- SHOHAT, E. e STAM, R. (2002) *Multiculturalismo, cine y medios de comunicación, crítica del pensamiento eurocéntrico* Barcelona: Paidós
 - SOUZA M. M. e VAINFAS, R (1998) "Catolização e Poder no Tempo do Tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII" *Tempo* n° 6: 95-118.
- SOUZA, M. M. (2002) *Reis Negros no Brasil Escravista, história da festa de coroação do rei Congo*, Belo Horizonte: Editora UFMG.